

## **Teologia e literatura: aproximações pela antropologia.**

Antonio Manzatto

### **Resumo**

*O autor retoma neste texto a temática da aproximação entre teologia e literatura pelo método de “leitura teológica da obra literária”, através da passagem pela antropologia. Precisa a linguagem e clareia os procedimentos exigidos por tal modo de aproximação, e acena para o alcance que a leitura literária pode ter na elaboração dos conteúdos propriamente teológicos.*

Quando comecei meu trabalho de tentar aproximar teologia e literatura, ainda no mestrado, em 1989, não pensava que a questão fosse assumir as dimensões que a história lhe conferiu. A tentativa era de se estabelecer relações entre teologia e literatura, algo que já se fazia há algum tempo na Europa e que na América Latina ainda era incipiente<sup>1</sup>. Não deixava de ser um trabalho arriscado, pois deslocava o eixo da preocupação teológica das ciências sociais para a linguagem literária, e isso poderia ser mais uma tentativa de simplesmente afastar a teologia de seu impacto social. Tantos anos depois, vejo com alegria que o tema foi, aos poucos, sendo amplamente assumido pela academia, com a formação de grupos de estudo e a produção de textos bastante significativos sobre o assunto. Trata-se, efetivamente, de uma conquista para a teologia a afirmação da literatura como canal possível e reconhecido para a realização de sua reflexão.

Não me considero, absolutamente, um precursor, até pelo que já existia como caminho andado antes de meu estudo<sup>2</sup>. Agradeço as leituras e críticas que, no decorrer dos anos, foram feitas àquele texto que é carente de qualidades. Sinto-me feliz por poder

---

<sup>1</sup> O primeiro trabalho latino-americano que aproxima teologia e literatura, segundo meu conhecimento, é Juan Carlos Scannone, “Poésie populaire et théologie”, in *Concilium* 115, 1976. Os estudos de Pedro Trigo e Gustavo Gutierrez chegaram até nós mais tarde, em Pablo Richard (org.), *Raízes da teologia latino-americana*, São Paulo: Paulus, 1987.

<sup>2</sup> O trabalho a que me refiro é, logicamente, Antonio Manzatto, *Teologia e Literatura*, São Paulo: Loyola, 1994.

fazer parte das pessoas que, refletindo teologia, não deixam de ter e praticar o gosto literário, e por isso honra-me poder participar dos trabalhos deste congresso de Teologia e Literatura.

## 1. Um pouco de história

Embora não comum em trabalhos acadêmicos, permitam-me que me coloque pessoalmente na reflexão que ora faço. Quando comecei meu estudo, um trabalho acadêmico numa Faculdade de Teologia relacionando a reflexão teológica com a arte literária não era novidade na Europa. Estudos sobre Dostoievski, Bernanos ou Claudel existiam em bom número em diversos centros de estudo. Devo o interesse pelo tema a meu professor Adolphe Gesché, que me guiou nos primeiros passos daquele trabalho acadêmico, ele que trilhava há tempos o caminho de trazer para a teologia os ares da literatura.

Na América Latina, como disse, o assunto era praticamente desconhecido. Viviam-se os anos de sistematização da Teologia da Libertação com a afirmação de seu método ver-julgar-agir, que partia da análise da sociedade (mediação analítica) para organizar a reflexão teológica (mediação hermenêutica) com vistas a uma prática de transformação da realidade (mediação prática)<sup>3</sup>. A urgência da ação libertadora em favor dos pobres do continente e de todo o terceiro mundo era tão grande que não se permitiam desvios ou descanso. Um estudo que se preocupasse das relações entre teologia e literatura parecia, com todas as letras, uma perda de tempo ou, pior, uma alienação.

Não foi sem um certo constrangimento que iniciei meu trabalho sob o insistente apoio do professor Gesché. A tentativa de guardar uma relação com a América Latina fez-se através da escolha de um autor latino-americano já que não se queria simplesmente estudar um clássico da literatura universal. Fazer teologia da libertação a partir da literatura não parecia tarefa fácil, se possível fosse. Daí a referência a um literato que possuía uma verve social que seria o caminho para se caracterizar a sociedade; não pensava muito além de ver, a partir da literatura, a denúncia social que

---

<sup>3</sup> Cf. Clodovis Boff, *Teologia e prática*, Petrópolis:Vozes, 1978; a revisão vem em ID., *Teoria do método teológico*, Petrópolis: Vozes, 1999.

as ciências sociais ofereciam à reflexão teológica latino-americana. Desse pecado me penitencio!

A escolha de Jorge Amado deveu-se a essa intenção e a outra, bastante prática: era um autor acessível no exterior, todos os seus livros tendo sido traduzidos para o francês e podendo ser conhecido dos professores e da faculdade. De certa forma, juntava-se ali o que eu precisava: o fácil acesso aos textos conjugado com sua característica literária de preocupação social. A contemporaneidade de sua literatura e o deleite proporcionado por sua arte eram um acréscimo bem vindo ao trabalho que se iniciava.

Naquele momento, parecia que eu tinha tudo o que era preciso: um autor latino-americano, brasileiro da Bahia de Todos os Santos, com uma preocupação social evidente, manifestada também através dos personagens de suas obras; textos acessíveis, além de interessantes e de uma beleza plástica própria de Jorge Amado; a possibilidade de realizar uma reflexão teológica de libertação, em continuidade com o que se fazia no continente latino-americano; um professor que, mesmo sem conhecer o autor, dispunha-se a me ajudar no estudo; eu tinha um pequeno conhecimento teológico, um pouco de conhecimento literário, e tinha tempo para realizar a reflexão. Parece que eu tinha tudo realmente, mas não tinha um método. O elenco de meus pecados parece não ter fim!

A aproximação entre teologia e literatura a partir dos romances de Jorge Amado não poderia ser feita pelo método ver-julgar-agir da teologia da libertação. A literatura, mesmo sendo conhecimento sobre o humano situado em determinado tempo e lugar, não é substituta colorida dos dados das ciências sociais. Os textos de Amado não são religiosos nem o é sua preocupação temática, o que afastava a possibilidade de um método teológico tradicional, até porque a religião que ele mais enfatiza não é a cristã. E se o religioso faz parte de seu horizonte de preocupações, não o é como matriz: seu horizonte é outro. Por isso eu não poderia usar o caminho trilhado por estudos feitos sobre Dostoievski ou Bernanos. Seus textos são absolutamente “profanos” onde o religioso ou eclesial, quando presentes, não são estruturantes. Suas histórias, mesmo se populares, não fazem parte do folclore nacional, mas expressam características literárias próprias. Não seria possível trilhar o caminho aberto pelas produções latino-americanas existentes. Que método usar?

É certo que não se poderia fazer o autor dizer o que ele não queria, nem apontar nos seus romances realidades que lá não estão. Ainda que o leitor tenha a possibilidade (ou obrigação) de interpretar o texto que lê, não pode fugir de sua objetividade, e por

isso não pode afirmar o que o texto não contempla<sup>4</sup>. Como se poderia enxergar então interesse teológico numa obra que, simplesmente, desconhece a teologia ou mesmo a nega? Eu não poderia me atrever a apresentar um “conceito de Deus segundo Jorge Amado” que ele, no dia seguinte, desmentiria.

O problema do método apresentava-se, então, como questão primeira. Como relacionar teologia e literatura? De um lado elas parecem tão próximas, de outro tão distantes! Tudo passa pelo conceito que se tem de uma, de outra e de ambas, onde se tocam e onde se separam. Procurei enxergar pontos de intersecção entre elas, e defini um caminho a percorrer, um método de leitura que passasse pelo desvio da antropologia. Pareceu-me que um ponto onde ambas se tocavam era o da preocupação com o ser humano: uma leitura de humanidade, um projeto de construção de humanidade poderia ser comum à teologia, talvez até a uma teologia que não fosse cristã, e à literatura, incluindo a literatura que não tivesse o epíteto de cristã. E não estaríamos longe da teologia latino-americana da libertação.

## 2. Sobre o método de aproximação entre teologia e literatura

A questão do método de aproximação entre teologia e literatura continua a ser questão aberta, como Magalhães mesmo reconhece<sup>5</sup>. Muito se caminhou em diversas direções, sobretudo na questão do “método narrativo”<sup>6</sup>. A escola de Lovaina continua interessada no assunto e trabalhado-o sobretudo em termos de exegese<sup>7</sup>. Para o que é das relações entre teologia e literatura, se sabe que a narratividade não esgota a realidade literária, que inclui a poesia e outros gêneros.

---

<sup>4</sup> Paul Ricoeur chega a dizer que a objetividade do texto foi uma conquista a partir do estruturalismo. Ele é um dos pensadores que mais trabalharam sobre a questão hermenêutica, afirmando a objetividade do texto e o papel interpretativo da leitura. Cf. Paul Ricoeur, *Le conflit des interprétations*, Paris: Seuil, 1969; ID. *Temps et récit II*, Paris: Seuil, 1984.

<sup>5</sup> Cf. Antonio Magalhães, *Deus no espelho das palavras*, São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>6</sup> Cf. John Barton, *La interpretación bíblica hoy*, Santander: Sal Terrae, 1998; também Matthias Grenzer, *Análise poética da sociedade*; São Paulo: Paulinas, 2006. Ainda aventura de Adolphe Gesché, “O Jesus da história e o Cristo da fé” em ID., *O Cristo*, São Paulo: Paulinas, 2004.

<sup>7</sup> Os principais nomes atuais são os de Camille Focant e André Wénin. Camille Focant, *L'évangile selon Marc*, Paris: Cerf, 2004; André Wénin, *Homem bíblico*, São Paulo: Loyola, 2006.

Se de um lado, como foi dito, literatura e teologia têm relação tão estreitas que parecem irmãs<sup>8</sup>, tal sua conaturalidade<sup>9</sup>, de outro permanece um problema o caminho de aproximação entre elas para que continuem sendo, cada uma, aquilo que são. Por isso cada trabalho que relaciona teologia e literatura apresenta uma justificativa epistemológica que apresente, ao menos, o estado da questão.

Pessoalmente, só tenho a agradecer àqueles que se debruçaram sobre a questão e apresentaram críticas ao meu trabalho e ao método de aproximação pela antropologia. Tenho a agradecer, em primeiro lugar, porque ele foi afirmado como uma possibilidade, e em seguida pelas indicações de suas falhas, lacunas e imperfeições. É verdade que algumas observações a seu respeito e algumas conclusões que delas derivaram me pareceram exageradas<sup>10</sup>. Por longo tempo resisti à idéia de dialogar com os críticos para defender meus pontos de vista, até porque, eles me possibilitaram revisitar a questão, senão para aperfeiçoar a abordagem, ao menos para clarear alguns tópicos. Outros assuntos também ocupavam minhas pesquisas, o que me colocava em certa dificuldade para acompanhar a evolução do debate. Além disso, pensava que outros pesquisadores, com abordagens diferentes, poderiam fazer a reflexão avançar, propondo métodos de aproximação entre teologia e literatura que contemplassem pontos que eu via como problemáticos, e dessa forma também ajudassem meu pensamento a caminhar.

Agora, depois de tanto tempo, retomo a problemática não para polemizar com outras propostas, mas para confirmar uma intuição que, se precisa de reparos, permanece possível e, talvez, útil. Coloco-me como participante de uma conversa que, graças a Deus, conquistou muitos interlocutores durante este período, e que a colaboração de todos continua fazendo atraente e interessante.

Estou convencido, hoje, que muitos métodos e metodologias são possíveis e úteis para a aproximação entre teologia e literatura<sup>11</sup>. As diferenças corresponderão aos diferentes objetivos buscados pelos pesquisadores. Se de um lado afirmamos o pluralismo teológico, de outro reconhecemos que a literatura não é uma realidade única,

---

<sup>8</sup> Não há nenhum exagero aqui, se se recordam os gêneros literários bíblicos, as epopéias e outras poesias das religiões antigas, incluindo também as mitologias dos povos mais diversos.

<sup>9</sup> Cf. Antonio Magalhães, *Deus no espelho das palavras*, São Paulo: Paulinas, 2000.

<sup>10</sup> Assim, por exemplo, algumas afirmações em Adilson Schultz, “Agenciamento teórico-metodológicos básicos para o estudo do lugar do protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da teologia com a literatura”, *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, novembro de 2002.

<sup>11</sup> Cf. Antonio Magalhães, *Deus no espelho das palavras*, São Paulo: Paulinas, 2000.

mas muitas são suas referências, suas formas de expressão, suas escolas literárias, suas afirmações temáticas, suas raízes e matizes culturais. É salutar, então, que existam diferentes métodos que possibilitem a relação entre literatura e teologia, obedecendo inclusive à variação dos serviços que se quer prestar à comunidade crente. Não se trata, então, de buscar um único ou melhor método, mas de se eleger um que possibilite a abordagem que se tenta fazer. Assim, vários caminhos permanecem abertos, respondendo a realidades e sensibilidades diferentes.

Estou convencido, também, que a literatura não é serva da teologia, assim como as ciências ou as outras artes não o são. Mesmo que a filosofia tenha sido assim considerada em determinada época, há um consenso teológico de que não é assim. Filosofia e ciências não precisam da teologia para existir ou se afirmar, e o mesmo se dá com as artes e, no nosso caso específico, com a literatura. Por isso não considero a teologia como superior às ciências ou à literatura. O discurso de superioridade, fundamento de autoritarismos e arbitrariedades, sempre ronda a teologia, talvez devido à sua relação com as coisas do onipotente ou, mais provavelmente, com estruturas eclesiásticas.

O discurso teológico não é melhor ou pior que o discurso literário: eles são diferentes na sua caracterização e, mesmo se existem entre eles proximidade conatural e semelhanças importantes, permanecem diferentes. Meu projeto sempre foi o de fazer teologia; não é uma questão de superioridade, mas de interesse. Não penso que teologia seja melhor ou mais importante que a literatura, nem mais prazerosa ou essencial. Mas sou teólogo, não literato, e meu trato com as palavras, com a linguagem, com as imagens, não é a do artista da literatura. O rol de meus pecados não cessa de aumentar! Reconheço que há outros que podem trabalhar diferentemente, juntando o talento artístico com a competência teológica, mas esse não é o meu caso.

Exatamente por isso, considero-me incompetente para propor um verdadeiro diálogo entre teologia e literatura. Tentei argumentar sobre a importância que a literatura tem ou pode ter para a teologia, inclusive em termos de método<sup>12</sup>. Tentei também enxergar certo interesse da literatura pela teologia e pela religião, mas a importância que a reflexão da fé pode ou deve ter para a arte das letras não me cabe afirmar, mas é de competência dos literatos. Para que haja diálogo é preciso haver

---

<sup>12</sup> Essa a grande preocupação de Antonio Magalhães e também de outros autores, expressa em trabalhos sobre a narratividade e a teologia narrativa, como já elencados em notas anteriores.

interesse. Penso que a literatura pode se interessar pelas coisas da fé, até porque se trata de ato humano o de crer, mas não me cabe impor-lhe esse interesse.

Nesse ponto, quero destacar uma questão que poderá ocupar o trabalho de pesquisadores. O fato de a literatura interessar-se por questões de religião não configura interesse pela teologia, pois a afirmação de religião não é necessariamente afirmação de teologia. Esta permanece sendo conhecimento da fé, e pode expressar-se em linguagem religiosa. Sei que a antiga oposição entre fé e religião tende a ser ultrapassada, se já não o foi. Mesmo se não há oposição, elas não significam a mesma coisa, e se religião tem a ver com aspectos culturais das sociedades, a teologia permanece sendo “fides quaerens intellectum”. Não creio ser necessário, aqui, abordar a diferença de natureza epistemológica entre o estudo da teologia e o das ciências da religião, por exemplo, mas não é sem interesse observar que a aproximação entre teologia e literatura se desenvolveu mais em terrenos de ciências da religião que da própria teologia. Se isto é uma constatação verdadeira, contudo não é uma obrigação. Penso firmemente que a literatura pode relacionar-se com a teologia, em sentido estrito, e que isso pode ser benéfico à ciência da fé. Gostaria que pudesse sê-lo também para a arte literária.

Muito disso vai depender, evidentemente, da compreensão que se tem de literatura e de teologia. Já disse da realidade do pensamento teológico em tempos de teologia da libertação; hoje já houve evolução com relação a ela e, mesmo se a preocupação com a libertação dos pobres é mantida, a ponto de se poder continuar falando de teologia latino-americana, é inegável que as categorias que a expressam evoluíram. No entanto, a matriz de possibilidade da teologia continua sendo a revelação. Pode-se falar de Deus porque a fé enxerga Deus presente na história humana; pode-se ter um discurso sobre Deus porque ele se mostra à humanidade. Não é a razão humana que chega até ele, no esforço da filosofia ou da religião; é ele quem vem ao encontro da humanidade. Confesso aqui meus limites, já que me posiciono em teologia cristã. Não digo que outras possibilidades não existem, nem que o cristianismo é superior a outras crenças, simplesmente me situo dentro dele.

Revelação é uma noção de teologia cristã extremamente importante<sup>13</sup>. Afirma Deus que se revela, e o humano que pode conhecê-lo. As coisas se dão nessa ordem. A

---

<sup>13</sup> Sobre revelação, veja-se Gabriel Moran, *Teologia da revelação*, São Paulo: Herder, 1969; mais recentemente João Batista Libânio, *Teologia da revelação a partir da modernidade*, São Paulo: Loyola, 1992; Renold Blank, *Deus na história*, São Paulo: Paulinas, 2005.

revelação de Deus, que reconhecemos na escritura e na tradição eclesial, acontece na história. Nela a escritura tem origem e nela a tradição se plasma. A fórmula “fora da história não há revelação” poderia ser bem aplicada aqui. O fato de Deus mostrar-se na história tem duas conseqüências imediatas: a de que a revelação tem sempre de acontecer em categorias humanas e a de que história precisa ser interpretada para que nela se veja a presença de Deus. A primeira significa que o humano não pode compreender o que não se situa em suas categorias existenciais, e a segunda que não há fatos brutos na história, mas sempre carentes de interpretação.

Abre-se o espaço para o aparecimento da arte literária. As narrativas de acontecimentos históricos são sua interpretação, e a importância da literatura que narra a história aparece com todo seu vigor. Mais ainda, o que se afirma é que as realidades humanas todas, incluindo as artes, são passíveis de apresentar elementos de revelação de Deus, pois são e podem ser caminhos da revelação de Deus à humanidade. A literatura é uma realidade humana que pode apresentar elementos que permitam ver o Deus que se revela à humanidade. Nunca é demais lembrar que a pergunta básica da teologia é sobre o ser de Deus, e que quando se pergunta sobre outras realidades o faz sempre à sombra das afirmações da fé em Deus. Daí que o que se busca na literatura, em sua aproximação com a teologia, é o que ela pode apontar como importante para o conhecimento de Deus. Ela não é desvio, ela está no centro mesmo da reflexão teológica. Não é isso que fazemos com a literatura bíblica?

A revelação, sendo conhecimento de Deus, precisa ser atual. Trata-se do diálogo entre Deus e a humanidade acontecendo agora, na história. Não se trata de simples “depósito” já entregue à humanidade, mas de algo atual, contemporâneo, que precisa, no entanto, estar em sintonia com a profissão de fé tradicional da comunidade crente. A revelação não é simplesmente de agora, ela é da história. Há sua presença na história atual, e por isso ela é revelação “para nós”, mas isso se liga à confissão de fé da igreja, e por isso ela é revelação “de sempre”. Tecnicamente se diz que a “revelação terminou com a morte do último apóstolo”, mas isso tem relação com o “conteúdo” doutrinal da fé da igreja. Há que atualizar não apenas em linguagem, mas em realidades de hoje essa revelação tradicional, já que o que não conhecemos permanece como se não existisse. O que conhecemos, confrontamos com a fé tradicional da igreja. Assim, por exemplo, a



questão da “opção preferencial pelos pobres”<sup>14</sup>, formulada recentemente pela igreja e, portanto atual ao manifestar a predileção de Deus pelos empobrecidos. Mas essa não é uma novidade total na igreja, já que desde sempre Deus se manifestou ao lado dos fracos da sociedade. Se o conteúdo “já existia” no “depósito” da fé, ele só foi “descoberto” recentemente, e passou a ter significado para nós. Apontar suas raízes nos textos e nas fórmulas tradicionais da fé é importante para que se afirme a continuidade entre o que professamos hoje e a fé de nossos pais. Continua de vigor a normatividade da confissão de fé tradicional.

Assim, não é a literatura que apresenta uma pergunta sobre o sentido do humano e a teologia que ocorre com uma resposta haurida da revelação, para “ensinar” à humanidade qual a verdade a ser defendida. Penso não ter afirmado isso no estudo anterior. Ainda que assim fosse, estaríamos apenas numa das direções do tráfego da relação entre teologia e literatura, mesmo porque “a resposta já está contida na pergunta”<sup>15</sup>. Mas há a outra direção da relação, que penso estar presente no meu texto, onde a pergunta é apresentada pela teologia, uma pergunta sobre o ser de Deus, teológica portanto, e que se pede que o literário responda. A literatura aqui é “locus revelationis” que questiona a teologia obrigando-a a repensar seu conhecimento em função das afirmações literárias. Este questionamento não é uma simples apresentação de pergunta, mas aferição da verdade e da pertinência das afirmações do conteúdo teológico. A compreensão de Deus e de todas as outras coisas à sua luz, objetos de trabalho da teologia, são “checadas” a partir do discurso literário. A literatura, além de obrigar a repensar o método da teologia, parece chegar a influir no conteúdo mesmo das afirmações do discurso teológico.

Mas há que se respeitar a literatura, como já foi dito antes. Não se pode obrigar um autor ou um texto literário a manifestar interesse pelas questões teológicas se ele assim não o quiser. O risco aqui é o de se assumir apenas um tipo de literatura dita religiosa ou cristã, deixando de lado o que se chamaria de “literatura profana”. Ora, a literatura que interessa à teologia é toda ela, inclusive a não religiosa ou mesmo atéia. Não se pode fazer um processo de confissão religiosa de uma obra literária para que ela

---

<sup>14</sup> A fórmula é da III Conferência do Episcopado Latino Americano, realizado em Puebla, no México, em 1979, contida no documento final intitulado “Evangelização no presente e no futuro da América Latina”

<sup>15</sup> Cf. Antonio Magalhães, *Deus no espelho das palavras*, São Paulo: Paulinas, 2000, p. 120.

interesse à teologia, já que seu primeiro referencial não é o religioso. Um método teológico de abordagem da literatura tem de valer para todos os tipos de obras literárias.

O primeiro referencial da literatura não é o religioso, mas é o humano. Aqui a incidência antropológica. A arte literária apresenta uma visão do humano, uma leitura, uma afirmação do sentido do ser humano no mundo. É a literatura quem afirma, não quem pergunta. A teologia, que afirma que o Deus em quem ela crê se revela em categorias humanas, pergunta, ela sim, o quê aquela apresentação do humano pode ensinar-lhe a respeito de Deus. Há que se passar, evidentemente, pelo caminho da analogia existente entre Deus e o humano<sup>16</sup>, mas são os conteúdos teológicos, suas afirmações sobre Deus que aqui entram em pauta: nada menos que isso! Percebe-se a importância da referência ao conteúdo tradicional da fé. Se a literatura apresenta uma leitura do humano que me obriga a repensar as afirmações sobre Deus, há que conferir essa nova afirmação com a tradicional, com o discurso tradicional sobre Deus, com a “revelação normativa”, não para dizer da verdade da literatura, mas para se assegurar que as afirmações agora feitas a respeito de Deus não sejam gratuitas ou idolátricas (falsas).

A própria questão da analogia não é sem interesse. A posição tradicional, mais platônica, segue Santo Agostinho ao falar de Deus de forma negativa, dizendo que dele “podemos saber mais o que ele não é do que o que é”; ou então afirmando a distância imensa existente entre Deus e o humano. Esta visão é correta, mas há um contraponto a ser afirmado: apesar da distância, Deus é Emanuel, Deus conosco, papaizinho – Abbá – numa impactante afirmação de proximidade. A distância é diminuída por ação de Deus – kénosis – e não por conquista humana. Por outro lado, o humano como “imagem e semelhança” de Deus se afirma como caminho de compreensão da divindade, ainda que “como em espelho”. A humanidade é reveladora de Deus não de forma transparente, e por isso os atributos humanos não são, sem mais, transferidos a Deus. Mas segundo o aristotelismo de Tomás, o efeito revela sua causa; aplicando à nossa questão, diríamos que o humano ensina sobre Deus: é revelador – “Filipe, quem me viu, viu o Pai!”

Repito mais uma vez que a literatura não tem “obrigação” de teologia, de ocupar-se do religioso ou de ser fiel a alguma tradição religiosa. A arte é livre. A

---

<sup>16</sup> A questão teológica da analogia é tradicional na teologia, presente nos trabalhos dos padres da igreja, em Santo Tomás e de teólogos recentes. Cf., por exemplo, Olivier Boulnois, “Analogia”, in Jean-Yves Lacoste, *Dicionário crítico de teologia*, São Paulo: Paulinas-Loyola, 2004, p. 120-123.

teologia, por seu lado, tem obrigações: de ser racional, de ser fiel ao humano e à sua situação no mundo, e também a de ser fiel à sua tradição religiosa. Por isso ela precisa verificar como as afirmações “a partir” da literatura podem “ser incluídas” no seu “tesouro” tradicional. Por outro lado, quando a obra literária apresenta uma “teologia explícita” ou faz alusão direta a temas tratados teologicamente, é preciso evitar o risco do círculo vicioso, o de buscar na literatura aquilo que a teologia já lhe deu. As relações temáticas entre teologia e literatura, não raro, podem conduzir a um equívoco semelhante.

### **3. O que permanece**

O método que utilizei para aproximar teologia e literatura não é único, e pode não ser o melhor dependendo dos objetivos a que se propõe o pesquisador. Ele tem suas falhas e imperfeições, e as críticas ajudaram-me a revê-lo, precisá-lo ou mesmo corrigi-lo. Creio mesmo que outras críticas a ele deveriam ser feitas, como a de preocupar-se excessivamente em afirmar a literatura próxima do real e em vê-la como conhecimento; o caminho da estética permanece, até certo ponto, inexplorado. Isso se deve muito ao contexto da época em que o estudo foi feito e à preocupação em manter-se próximo e fiel à abordagem da teologia da libertação latino-americana. São críticas e limitações que eu mesmo reconheço. Mas os outros métodos também têm seus limites, incluindo os métodos da teopoesia e o da correspondência. Parece-me que ali não se supera uma certa justaposição entre teologia e literatura, embora muitas vezes eu tenha a “tentação” de dizer religião e literatura, por faltar uma referência mais explícita à teologia. Literatura e teologia não são tipos de conhecimento estanques, mas são diferentes.

Cabe, no entanto, ressaltar não apenas os problemas e limites de cada método, mas igualmente suas qualidades e seu alcance. Há uma bem-vinda intuição que afirma que há muito a ganhar, em teologia, com uma aproximação da literatura, e isso é consensual e extremamente importante. Trilhando diferentes e vários caminhos, pesquisadores de todas as latitudes têm tentado contribuir para essa aproximação. Se o caminho é importante, e reafirmo a importância capital do método em teologia, ele ainda não é o objetivo. Não é porque se tem um bom método que já se tem um bom produto. A discussão da relação entre teologia e literatura precisa ir também além do método, para poder alcançar os conteúdos da formulação teológica.

A renovação da teologia não se faz apenas por boa vontade ou por decreto. É claro que é preciso haver uma compreensão larga do que seja teologia, para não aproximá-la da defesa dos pontos de vista da estrutura eclesial. Ela é reflexão sobre o ser de Deus a partir da fé; se isso, de um lado, insere o crente na comunidade eclesial, de outro lado o faz procurar, acima de tudo, guardar fidelidade à Palavra de Deus. A reflexão teológica é serviço à comunidade crente enquanto compreensão da revelação do Deus salvador, mas não é prisioneira de estruturas eclesiais que, por históricas, são contextuais.

Assim, retomando o que foi dito antes, é preciso entender a revelação como relação de Deus com seu povo crente, uma relação que é atual e, portanto, existencial; essa relação atualiza o dado revelado, mas o faz com características existenciais, envolvendo as mais diversas experiências de vida do crente. Por outro lado, nunca é demais lembrar a importância que a antropologia tem para a elaboração teológica<sup>17</sup>, mesmo porque é através dela que se lerão os acontecimentos ou experiências compreendidos como revelação de Deus.

A revelação de Deus à humanidade não é direta nem evidente, é histórica e necessita de uma hermenêutica para ser compreendida. A fé fará enxergar, nos diversos acontecimentos humanos, a presença de Deus; a teologia, reflexão crítica e racional da fé, procurará, pelos caminhos que lhe são próprios, interpretar a presença de Deus naqueles acontecimentos seguindo as orientações da tradição eclesial, para ver como essa presença pode ser vista como salutar. Aqui juntam-se duas preocupações essenciais da teologia: ser atual e salutar. Isso não significará mero fundamentalismo de repetição de dados conhecidos e afirmados anteriormente na doutrina eclesial, mas atualização da compreensão da relação de Deus com seu povo, apontando para um sentido da existência humana.

Se a teologia não é mera repetição de fórmulas passadas, a literatura também não é mera junção de palavras ou narrativas sem sentido. Uma e outra preocupam-se em compreender e afirmar o sentido da vida humana, que eu chamei de antropologia, e é nisso que se tocam. Ou ao menos, este é um dos pontos em que se tocam. De lugares diferentes e por meios diferentes procuram dizer de sua compreensão do ser humano, colaborando para que este se compreenda mais e mais, e dessa forma se situe na história.

---

<sup>17</sup> Além da sucinta apresentação da questão em Teologia e Literatura, veja-se Karl Rahner, Teologia e antropologia, São Paulo: Paulinas, 1969.

Creio firmemente, como disse, que a teologia terá muito a ganhar se contemplar aquilo que a literatura afirma e revela sobre o humano e, daí, sobre Deus. Creio também que a literatura terá a ganhar se atentar não apenas para temas de religiosidade, mas para a compreensão que a teologia tem do humano a partir de seu discurso sobre Deus. Contudo não temos como obrigar a arte literária a interessar-se pelo caminho da reflexão teológica. Que as questões religiosas nela estão presentes, por serem humanas, é incontestável. Mas a teologia envolve a fé e esta é sempre, e assim o será, uma escolha pessoal que releva da liberdade.

### **Bibliografia**

Adolphe Gesché, *Les mots et les livres*, Col. Pensées pour penser II, Paris: Cerf, 2004.

Antonio Magalhães, *Deus no espelho das palavras*, São Paulo: Paulinas, 2000.

Antonio Manzatto, *Teologia e literatura*, São Paulo: Loyola, 1994.

Vários, *Concilium*, 115, 1976.

Endereço do autor:

[antoniomanzatto@terra.com.br](mailto:antoniomanzatto@terra.com.br)

[manzatto@teologia-assuncao.br](mailto:manzatto@teologia-assuncao.br)